

DESCHAMPS, Thais. Adjetivos na diacronia: fatores gramaticais e discursivos. *ReVEL*, vol. 17, n. 32, 2019. [www.revel.inf.br]

ADJETIVOS NA DIACRONIA: FATORES GRAMATICAIS E DISCURSIVOS

Adjectives in diachrony: discourse and grammatical factors

Thais Deschamps¹

thadeschamps@gmail.com

RESUMO: Esse trabalho tem como objetivo problematizar algumas questões metodológicas em estudos feitos acerca do percurso diacrônico de adjetivos no Português, assim como salientar aspectos sincrônicos relevantes da morfossintaxe e do campo semântico-pragmático dessa classe que podem enviesar pesquisas dessa natureza. Fazemos primeiramente um levantamento de fatores que sincronicamente contribuem para a possibilidade de anteposição. Em seguida, revisamos trabalhos que foram feitos acerca do percurso diacrônico de adjetivos atributivos em Português sob duas perspectivas: anteposição como distribuição gramatical; e anteposição como estratégia discursiva. Apontamos os problemas dessa separação e observamos que aspectos consideramos necessário serem levados em conta em estudos sobre a diacronia de adjetivos atributivos. Concluímos com uma demonstração de como esses fatores se colocam em jogo em dois textos dos séculos XVI/XVII.

PALAVRAS-CHAVE: Adjetivos; Sintaxe; Diacronia; Português.

ABSTRACT: This paper aims to bring into question some methodological issues in diachronic studies about adjectives in Portuguese. We also aim to draw attention to relevant synchronic morphosyntactic and semantic-pragmatic aspects of this word class, which may influence the results of diachronic studies. First, we show some factors that contribute to the possibility of adjectival anteposition in Portuguese. Then, we examine some studies that have been carried out on the diachronic development of attribute adjectives in Portuguese under two different perspectives: anteposition as grammatically ruled, and as a discourse strategy. We argue that such separate approaches are problematic, and list the aspects from both perspectives we consider need to be taken into consideration in diachronic studies on adjectives in Portuguese. We conclude with a demonstration of how these factors interplay in one text from the 16th century.

KEYWORDS: Adjectives; Syntax; Diachrony; Portuguese.

¹ Doutoranda em Letras – Estudos Linguísticos; Universidade Federal do Paraná – UFPR.

INTRODUÇÃO

A posição de adjetivos no sintagma nominal (SN) – portanto, em função atributiva – em português tem sido há tempos uma questão de grande interesse para linguistas. Ainda que tal interesse não tenha resultado em uma explicação concisa e consistente acerca das distinções entre ante- e posposição, estudos ao longo das últimas décadas têm trazido à tona uma série de fatores que parecem interferir no posicionamento de adjetivos no SN.

A maioria dos estudos acerca do percurso diacrônico dos adjetivos, contudo, deu pouca atenção às propriedades morfossintáticas dessa classe, atendo-se ora às propriedades superficiais observadas em gramáticas, ora a classificações nocionais bastante amplas. Como consequência, há um viés indesejado nesses trabalhos que compromete, ao menos parcialmente, seus resultados.

Pretendemos abordar, neste artigo, algumas propriedades morfossintáticas que, a nosso ver, devem ser levadas em conta em qualquer estudo de perspectiva diacrônica relacionado a adjetivos, para assegurar a comensurabilidade de dados em diferentes sincronias. Para isso, esse trabalho está organizado da seguinte maneira. Na primeira seção, descreveremos alguns mecanismos morfossintáticos que afetam o posicionamento de adjetivos, assim como traremos trabalhos que apontam outros fatores intervenientes; na segunda seção, apresentaremos alguns dos trabalhos de maior fôlego já feitos sobre o percurso diacrônico de adjetivos em português, e apontaremos as lacunas que consideramos relevantes; na terceira, por fim, exemplificaremos a partir de um pequeno corpus o impacto dessas considerações em uma análise diacrônica.

1. ORDEM CANÔNICA DOS ADJETIVOS ATRIBUTIVOS: O QUE INFLUENCIA NA ORDEM?

Com relação a que tipo de contexto sintático poderia condicionar o posicionamento de adjetivos, Guimarães (2011) observa que adjetivos exclusivamente pré-nominais (ou com leitura específica quando antepostos) parecem resistir à modificação sintática:

- (1) a. Pedro é um atleta (muito) **foda**.
- b. Pedro é um atleta (muito) **grande**.

- (2) a. Pedro é um (*muito) **puta** atleta.
 b. Pedro é um (*muito) **grande** atleta.
- (3) a. Zé é um (*relativamente) **baita** músico.
 b. Zé é um (*totalmente) **extraordinário** músico.²

Ele aponta que tampouco seria possível forçar a posposição de um adjetivo pré-nominal por meio de modificação sintática (cf. (4)), ou então forçar a anteposição de um adjetivo pós-nominal (cf. (5)):

- (4) a. *Pedro é um atleta muito **puta**.
 b. *Pedro é um atleta muito **grande**.
 c. *Pedro é um homem muito **pobre**.³
- (5) a. *Pedro é um muito **foda** atleta.
 b. *Pedro é um muito **grande** atleta.
 c. *Pedro é um muito **pobre** homem.⁴

Tais observações iniciais, no entanto, foram revistas em Deschamps, Glienke e Guimarães (2013). Uma vez que uma gama maior de advérbios e adjetivos é levada em consideração, a modificação sintática de adjetivos pré-nominais parece possível:

- (6) a. Aquela escandalosamente **bela** mulher sumiu.
 b. O agora **futuro** prefeito está se preparando pra tomar posse.
 c. O deveras **ávido** leitor agora só lê um livro a cada dois meses.
 d. O sequer **pretenso** especialista foi ridicularizado.
 e. Aquele mui **pobre** homem entrou em depressão.
 f. O mega **habilidoso** mecânico consertou o carro em 10 min.
 g. Ele agradeceu àquela tão **bondosa** senhora.
 h. ??O então **puta** atleta caiu de rendimento após a contusão.

² A ordem dos exemplos, assim como sua redação, foram ligeiramente adaptados conforme a argumentação – a nosso ver, sem perda ou mudança dos aspectos relevantes. Os asteriscos são do texto original.

³ Em (4b) e (4c), com leitura pré-nominal, i.e. “grande” enquanto grandeza de espírito/metafísica/não-física, e “pobre” enquanto “pena”.

⁴ Em (5b) e (5c), com leitura pós-nominal, i.e. “grande” em termos de dimensão, e “pobre” enquanto “pobreza”.

Para além disso – e talvez mais surpreendentemente –, essa modificação também facilita a anteposição⁵ de adjetivos que, de outra forma, seriam típica, ou até exclusivamente, pós-nominais:

- (7) a. O motorista executou uma *(mega) **proibida** manobra.
 b. O *(sempre) **hostil** delegado ignorou a pergunta do jornalista.
 c. A *(então) **virgem** mulher foi brutalmente estuprada.
 d. Aquele jovem pintou seus *(inacreditavelmente) **brancos** cabelos.
 e. Ele cometeu um *(mui) **irresponsável** ato.
 f. O mercado editorial ficou surpreso com a iniciativa do João Ubaldo Ribeiro em escrever um *(???nada) **literário** livro.
 h. Ele nem respondeu àquele *(deveras) **idiota** entrevistador.

Outro fator sintático observado pelos autores é a presença de coordenações. Novamente, adjetivos que de outra forma não poderiam ser antepostos podem aparecer nessa posição se coordenados:

- (8) a. *? Ele cometeu um **irresponsável** ato.
 b. *Ele cometeu um **irracional** ato.
 c. ?Ele cometeu um **corajoso** ato.
 d. Ele cometeu um **irresponsável** mas **corajoso** ato.
 e. ?Ele cometeu um **irresponsável** e **irracional** ato.
- (9) a. *Minha filha tem que casar com aquele **católico** rapaz.
 b. Minha filha tem que casar com aquele **estudioso** rapaz.
 c. ?Minha filha tem que casar com aquele **católico** e **estudioso** rapaz.
 d. ?Minha filha tem que casar com aquele **estudioso** e **católico** rapaz.

Peso, um fator sintático-fonológico, também parece permitir anteposições de outra forma anômalas⁶:

⁵ Não nos comprometemos, nesse trabalho, com a questão teórica de se essa anteposição é um movimento do adjetivo para uma posição pré-nominal (por exemplo, de tópico), ou então o “bloqueio” de um movimento bola de neve do nome por sobre o adjetivo (cf. CINQUE, 2010).

⁶ Outros trabalhos, que inclusive serão abordados adiante, apontam peso como um fator que favorece a posposição. Parece-nos que há dois tipos de peso em jogo: o tamanho do item lexical em si; e o peso enquanto complexidade estrutural, que é o que os exemplos de (10)-(13) mostram.

- (10) a. *Eu coloquei uma **colorida** esfera no bolso.
 b. Eu coloquei uma **colorida** esfera de vidro no bolso.
- (11) a. *Ontem eu vi um **triste** filme.
 b. Ontem eu vi um **triste** filme sobre pacientes terminais com câncer.
- (12) a. *?Ele cometeu um **irresponsável** ato.
 b. Ele cometeu um **irresponsável** ato de violação de direitos civis.
- (13) a. *?O foguete decolou com uma **sobrenatural** velocidade.
 b. O foguete decolou com uma **sobrenatural** velocidade de 900 milhões de km por milisegundo.

A conjunção desses três fatores – modificação sintática, coordenação e peso – permite que casos bastante marginais se tornem mais aceitáveis:

- (14) a. *Ele publicou um **literário** texto em 2012.
 b. Ele publicou um texto **literário** em 2012.
 c. ???Ele publicou um nada **literário** texto em 2012.⁷
 d.??? Ele publicou um **literário** e mega **envolvente** texto em 2012.
 e. *?Ele publicou um **literário** texto de 450 páginas recontando os principais fatos históricos do ano em 2012.
 f. Ele publicou um nada **literário** e mega **envolvente** texto de 450 páginas recontando os principais fatos históricos do ano em 2012.

Deschamps (2015) observa que nem todos os adjetivos podem ser modificados: adjetivos classificativos (e.g. “nuclear” em “físico nuclear”) e étnicos/referenciais (e.g. “francês” em “médico francês”) não aceitam ser antepostos nem mesmo nas circunstâncias previamente descritas; e esses mesmos itens, junto a alguns adjetivos exclusivamente pré-nominais (ou adjetivos com leitura particular na anteposição) tampouco aceitam modificação sintática.

Modificação morfológica também é um fator que pode contribuir para a anteposição. Menuzzi (1992: 134, nota 70) já observava que, com o acréscimo do sufixo “-íssimo”, certos adjetivos pós-nominais podem ser antepostos (novamente, com restrição para classificativos e étnicos):

⁷ Um(a) parecerista nos apontou que este dado lhe era agramatical. Gostaríamos de salientar que diferenças em termos de aceitabilidade são não apenas comuns, como esperadas entre falantes. O que é mais relevante nesse caso é a melhora (ou piora) nos dados de acordo com as modificações.

- (15) a. *Eu gosto daquele **vermelho** vestido.
 b. Eu gosto daquele **vermelhíssimo** vestido.

Em uma linha de raciocínio parecida, Deschamps (2015: 71) aponta que o grau superlativo (mas não o comparativo) também favorece a anteposição:

- (16) a. Eu vou falar com o **maior** aluno da sala.
 b. ??Eu vou falar com o aluno **maior** da sala.
 (17) a. ??Eu vou falar com um **maior** aluno da sala
 b. Eu vou falar com um aluno **maior** da sala.
 (18) a. Ele escolheu esse como o mais **bonito** gol da sua carreira.
 b. *Ele achou esse um mais **bonito** gol que aquele.⁸

O tipo de determinante é um fator que Prim (2018) argumenta que também condiciona a anteposição: certos adjetivos parecem só a aceitarem em SNs definidos (cf. (19)). Em outros casos, a definitude do SN determina se o adjetivo terá leitura restritiva ou não (cf. (20)):

- (19) a. O **presente/principal** senador
 b. *Um **presente/principal** senador
 (20) a. O **simples** desentendimento (leitura não restritiva)
 b. Um **simples** desentendimento (leitura restritiva ou não restritiva)

Como último fator a ser mencionado (tendo consciência que essa lista de fatores intervenientes é, no melhor dos casos, provisória), podemos citar aquele elencado por Sales (2006). Em um trabalho precisamente sobre o percurso diacrônico de adjetivos, a autora conclui que o gênero textual (ou o tipo de discurso) é determinante na quantificação da anteposição. Em uma pesquisa sobre o uso de adjetivos atributivos no discurso jornalístico nos séculos XIX e XX, ela conclui que “o fator época foi fundamental”, a tal ponto que “em *anúncios*, ocorre o contrário dos demais gêneros analisados [...] e o número de adjetivos antepostos cresce do século XIX para o XX” (SALES, 2006: 191, destaque da autora).

⁸ Os exemplos em (18) são nossos.

Não apenas o gênero textual é relevante, segundo ela, como também é necessário verificar **se o próprio gênero não mudou com o tempo**. A autora argumenta que o maior uso de anteposição em editoriais no século XIX, por exemplo, está relacionado ao gênero, naquele momento histórico, possuir um maior grau de subjetividade; em contrapartida, à medida que o perfil do gênero editorial passou a ter um caráter mais objetivo (com o intento de ser “formador de opinião”), o uso de anteposição caiu. O mesmo pode ser dito do gênero anúncio, ainda que fazendo o percurso reverso. A autora observou um crescimento no uso de anteposição nesse gênero em seu corpus: houve a passagem de um estilo de classificados bastante objetivos para um tipo de texto que incorpora estratégias de marketing (como realçar as qualidades do produto anunciado), que foi acompanhada por um aumento na quantidade de adjetivos antepostos – que provêm uma identificação mais subjetiva com o leitor.

Tendo uma descrição de ao menos alguns dos fatores que influenciam no posicionamento dos adjetivos, podemos agora nos voltarmos para os trabalhos já feitos sobre o percurso diacrônico de adjetivos em português.

2. ESTUDOS SOBRE O PERCURSO DIACRÔNICO DE ADJETIVOS: ACHADOS E LACUNAS

Em comparação a outros aspectos gramaticais do português, o percurso diacrônico de adjetivos foi alvo de relativamente poucas pesquisas. O trabalho, se não pioneiro, ao menos o primeiro a se tornar mais amplamente conhecido, é o de Cohen (1990), seguido por Boff (1991), Serra (2005), Sales (2006) e, mais recentemente, Prim (2018). Podemos separá-los em dois conjuntos: aqueles que se concentraram em fatores gramaticais – Cohen, Boff e Prim – e aqueles que se focaram em fatores semântico-discursivos – Serra (acrescidos de uma preocupação fonológica) e Sales. Os problemas que encontramos são semelhantes dentro de cada agrupamento, razão por que iremos fazer uma breve apresentação dos resultados de cada um e então apontar as questões que consideramos problemáticas.

2.1 ANTEPOSIÇÃO COMO DISTRIBUIÇÃO GRAMATICAL

Cohen (1990) conduziu seu estudo a partir de 14 excertos datados do século XIV ao século XX, sendo dois textos por século⁹. Ela obteve um total de 2.100 adjetivos atributivos em SNs. As proporções absolutas de anteposição e posposição para cada texto por século foram as seguintes:

Século	XIV		XV		XVI		XVII		XVIII		XIX		XX	
Texto	1	2	1	2	1	2	1	2	1	2	1	2	1	2
Anteposição	63%	89%	82%	82%	31%	65%	64%	78%	72%	30%	37%	31%	23%	18%
Posposição	37%	11%	18%	18%	69%	35%	36%	22%	28%	70%	63%	69%	77%	82%

Tabela 1: Taxa de anteposição de adjetivos por texto/século

Fonte: COHEN (1990: 64)

No entanto, por notar que, em alguns textos, havia uma grande influência dos itens lexicais “bom” e “grande”, inflando a quantidade de adjetivos antepostos, a autora também fez um levantamento da proporção de anteposição/posposição sem esses itens, resultando na seguinte tabela:

Século	XIV		XV		XVI		XVII		XVIII		XIX		XX	
Texto	1	2	1	2	1	2	1	2	1	2	1	2	1	2
Anteposição	42%	83%	70%	55%	12%	43%	52%	63%	67%	25%	29%	26%	22%	18%
Posposição	58%	17%	30%	45%	88%	57%	48%	37%	33%	75%	71%	74%	78%	82%

Tabela 2: Taxa de anteposição de adjetivos por texto/século sem “bom” e “grande”

Fonte: COHEN (1990: 64)

Em termos quantitativos, Cohen identifica, a partir de uma análise quantitativa, uma queda brusca nos números de anteposição a partir do século XVIII. Ela assume que isso seja um indício de uma mudança tipológica: a língua estaria perdendo formas remanescentes de um padrão antigo (AN), em prol de um novo tipo ideal. Segundo ela, não houve uma mudança em termos de classes nocionais que podem aparecer em anteposição, e sim uma reorganização dentro de uma única classe (aquela a que ela chama “subjativos”). Além disso, diferentemente de outras línguas românicas, a anteposição em português ainda seria bastante produtiva, e não restrita a uma quantidade limitada de itens lexicais.

⁹ A autora levou em consideração uma ampla gama de textos, todos em prosa: documentos históricos, biografias, manuais, cartas oficiais, ficção, documentos da realeza e textos jornalísticos.

O trabalho de Boff (1991) foi conduzido de maneira similar, mas com menos dados: aproximadamente 50 por metade de século, compreendendo 446 dados de 1607 a 1990¹⁰. Segmentando os adjetivos encontrados em “avaliativos” e “não-avaliativos”, ela encontrou os seguintes resultados:

Século	Tipo de Adjetivo								
	Avaliativo			Não-Avaliativo			Total		
	Tokens	Total	%	Tokens	Total	%	Tokens	Total	%
XVII	72	89	80	4	30	13	76	119	64
XVIII	80	98	82	4	16	25	84	114	74
XIX	50	68	73	2	39	5	52	107	49
XX	37	70	53	4	36	11	41	106	39
Total	239	325	73	14	121	11	253	446	57

Tabela 3: Proporção de anteposição por tipo de adjetivo e século
Fonte: BOFF (1991: 96)

Boff faz uma ressalva com relação aos adjetivos “não-avaliativos” encontrados na anteposição. Em primeiro lugar, uma grande parte dos casos foram de adjetivos intensionais (e.g. “último”, “principal”, “suposto”, etc.); em segundo, há casos de adjetivos que sincronicamente não podem ser utilizados como avaliativos, mas que aparentemente tinham essa leitura em outros séculos (conforme o contexto dos exemplos). Assim, a autora conclui que não houve uma mudança no tipo de adjetivos que podem ser antepostos: apenas avaliativos e intensionais.

Ela também faz um levantamento do peso dos itens “grande” e “bom” nos dados, que novamente enviesam a proporção entre anteposição e posposição:

Século	Adjetivos Avaliativos								
	“Grande” e “Bom”			Outros			Total		
	Tokens	Total	%	Tokens	Total	%	Tokens	Total	%
XVII	29	30	97	43	59	73	72	89	80
XVIII	23	23	100	57	75	76	80	98	82
XIX	4	4	100	46	64	72	50	68	73
XX	5	6	83	32	64	50	37	70	53
Total	61	63	97	178	262	68	239	325	73

Tabela 4: Proporção de anteposição de adjetivos avaliativos por século
Fonte: BOFF (1991: 99)

¹⁰ O corpus era composto de documentos oficiais, cartas de lei, cartas pessoais, cartas oficiais, diários de bordo, ofícios e cartas de revista.

Como visto, diferentemente de Cohen (1990), “grande” e “bom” nesses dados parecem ter tido mais efeito apenas nos séculos XVII e XVIII.

A autora ainda contrasta esses números com dados sincrônicos, obtidos do Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta de São Paulo (Projeto NURC/SP), em um total de 102 tokens. Destes, apenas 20 dados (aproximadamente 20%) eram de adjetivos antepostos, sendo 14 adjetivos avaliativos, e 6 intensionais. Com isso, Boff conclui que o português parece estar perdendo a “opção” de anteposição para adjetivos avaliativos.¹¹

Bem mais recentemente, Prim (2018) explorou um aspecto não investigado pelas autoras anteriores: a interferência da definitude. O avanço na tecnologia do século XX para este permitiu que ela se debruçasse sobre um corpus consideravelmente mais amplo: foram quatro textos por século, do séc. XVI ao XIX, totalizando 17.690 SNs, oriundos do corpus Histórico do Português Tycho Brahe. Em geral, quase todos os textos são em prosa, com variação entre textos ficcionais e não-ficcionais¹². Os valores encontrados pela autora foram os seguintes:

Século	XVI	XVII	XVIII	XIX
Anteposição	59%	63%	48%	53%

Tabela 5: Proporção de NPs com adjetivos atributivos antepostos

Fonte: PRIM (2018: 2833)¹³

Para além dos valores absolutos de anteposição, entretanto, Prim estava interessada na distinção dentre SNs definidos, por um lado, e indefinidos ou nus, por outro. Como já abordado nos exemplos (19) e (20), sincronicamente a autora observa que alguns adjetivos pré-nominais não podem ser combinados com qualquer determinante (i.e. não podem aparecer em SNs indefinidos), e que a leitura restritiva/não-restritiva também depende da definitude. A restrição quanto ao determinante não parece operar sobre adjetivos pospostos. Assim, ela fez um

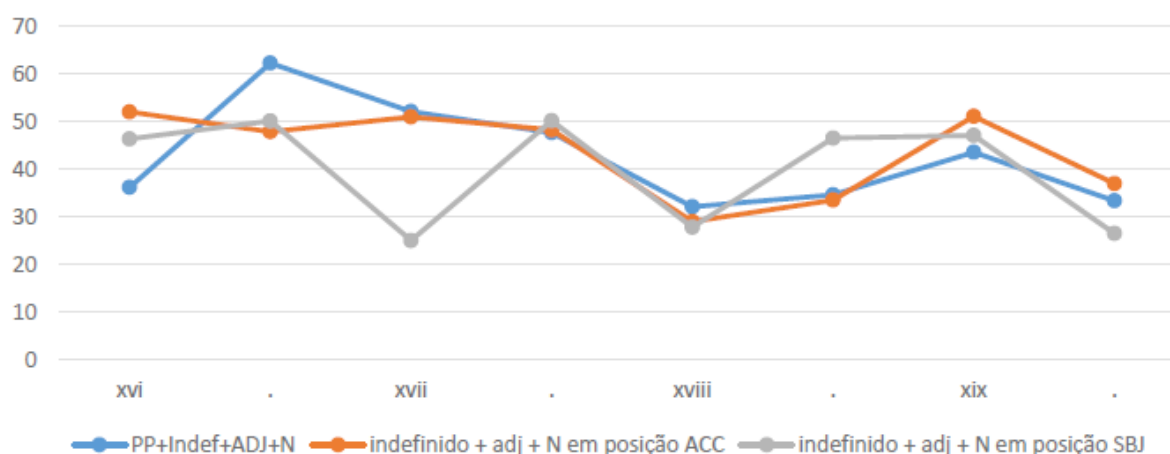
¹¹ Outra observação interessante feita pela autora é quanto a casos de adjetivos acompanhados pelo advérbio “muito”. Apesar da pouca quantidade de dados (apenas 12 casos), Boff observa que 5 destes são em anteposição – algo que, segundo ela, não seria possível sincronicamente. Apesar de sem dúvida incomum na atualidade, encontramos na internet sequências como “muito bonito gol” ou “muito bonito texto”, que colocam em dúvida essa análise. Além disso, a autora equipara “muito” e “mui/muy”, algo que consideramos debatível.

¹² Relatos históricos, documentos oficiais, biografias, literatura de viagem, romances, teatro, cartas, sermões e ensaios.

¹³ Os valores são aproximados, já que o gráfico elaborado pela autora era uma linha contínua sem os valores numéricos para cada século.

levantamento mais fino quanto ao comportamento desses diferentes SNs em relação a anteposição e posposição.

Os resultados mostraram que SNs definidos e nus se comportavam de maneira mais semelhante que indefinidos – eram estes que pareciam estar em maior variação, já que o uso de anteposição em SNs indefinidos variava mais de um texto para outro. Como o uso de um SN definido/indefinido está intimamente ligado à sua posição na sentença, Prim também investigou essa relação. O resultado para SNs indefinidos foi



sintetizado no gráfico abaixo:

Figura 1: SNs indefinidos em posição de sujeito, objeto acusativo e após preposição
Fonte: PRIM (2018: 2836)

A conclusão a que ela chega é que esses fatores se alternaram em termos de preponderância quanto à sua contribuição para a anteposição: enquanto, até a metade do século XVII (mas, principalmente, na segunda metade do século XVI) a definitude parecia desempenhar um papel secundário em relação à posição sintática – como se pode ver no gráfico acima, há bastante variação na proporção de SNs indefinidos no começo desses dois séculos –, a partir desse momento os determinantes passam a atuar de maneira mais central na ordenação dos adjetivos – os pontos passam a convergir, portanto com um posicionamento independentemente do contexto sintático.

Prim observou, ainda, o comportamento de adjetivos coordenados (sem complementos). Nesse caso, houve também interação com o tipo de SN:

	Século	XVI	XVII	XVIII	XIX
Anteposição	Definidos	71%	75%	22%	33%
	Nus	42%	73%	16%	24%
	Indefinidos	21%	25%	12%	18%

Tabela 6: Proporção de coordenações de adjetivos em anteposição

Fonte: PRIM (2018: 2839)¹⁴

Como se pode ver nos dados acima, adjetivos em SNs definidos e nus tinham um comportamento distinto de SNs indefinidos até o século XVIII, quando passam a acompanhar o mesmo movimento, preferindo fortemente a posposição.

A autora conclui, assim, que a mudança que parece estar em curso em português seria entre a anteposição de adjetivos avaliativos pela posição sintática do SN (sujeito, objeto ou complemento de preposição) e a anteposição pelo tipo de SN (definido/nu ou indefinido), e que seria necessário um estudo sobre o percurso diacrônico dos determinantes em português para verificar se há alguma inter-relação em jogo. De toda forma, a definitude do SN parece ser um fator importante, ainda que não o único, para a anteposição.

2.2 ANTEPOSIÇÃO COMO ESTRATÉGIA DISCURSIVA

O viés de análise de anteposição por gênero discursivo foi menos adotado, mas apresenta resultados bastante relevantes. Os dois trabalhos que traremos aqui, como previamente apontado, são de Serra (2005) e Sales (2006). Serra, em realidade, aborda a questão da anteposição mais do ponto de vista da fonologia que do discursivo: uma de suas principais conclusões é que a dimensão do adjetivo (i.e. o peso do item lexical em si, em termos de comprimento) é bastante relevante na possibilidade de ele aparecer anteposto, havendo uma grande tendência para que adjetivos mais curtos que o nome-núcleo o antecedam. No entanto, a autora apresenta alguns pontos que abordam o aspecto estilístico do uso dessa sintaxe.

Serra (2005) aponta que, em termos absolutos, a anteposição vem caindo ao longo dos séculos, com a posposição tomando a frente de forma definitiva no século XX. Em seu corpus – cartas de redatores/editoriais e anúncios dos séculos XIX e XX,

¹⁴ Os valores são aproximados, já que o gráfico elaborado pela autora era uma linha contínua sem os valores numéricos para cada tipo de SN por cada século.

do projeto VARPORT¹⁵ -, porém, ela ressalta que a diminuição na taxa de anteposição não foi uniforme em seus dois gêneros textuais: enquanto houve uma queda dramática na anteposição em editoriais, em anúncios houve, na realidade, um aumento:

Gênero	Anúncio		Carta de Redator/Editorial	
	XIX	XX	XIX	XX
Anteposição	36%	42%	47%	30%
Posposição	64%	58%	53%	70%

Tabela 7: Percentuais de anteposição e posposição de acordo com o tipo de texto

Fonte: SERRA (2005: 52)

A partir do trabalho de Leite (2003), a autora afirma que as estratégias argumentativas em editoriais mudaram do século XIX para o XX. Para os anúncios, Serra liga o aumento da anteposição a mudanças no aspecto cultural do país: ela sugere que “[...] o fato de a anteposição se ter tornado mais frequente nos anúncios do século XX está diretamente relacionado ao novo modo da mídia tratar um texto destinado à comercialização de produtos, numa sociedade capitalista de livre concorrência” (2005: 54). Em linhas gerais, ela afirma que houve uma tendência a um esforço em direção à objetividade em editoriais, mas à subjetividade (ligada a valor afetivo) em anúncios; assim, a possibilidade de anteposição estaria intimamente ligada ao tipo de texto e às intenções comunicativas nele colocadas.

Sales (2006) trabalha com um corpus similar: 10 anúncios, 10 editoriais e 10 notícias, todos também extraídos do projeto VARPORT. Da mesma forma que Serra (2005), a autora observa que houve uma queda na anteposição de um século para o outro, também com discrepância entre os gêneros textuais observados:

Gênero	Anúncio		Editorial		Notícia	
	XIX	XX	XIX	XX	XIX	XX
Anteposição	36%	42%	47%	30%	40%	28%

Tabela 8: Percentuais de anteposição de acordo com o tipo de texto

Fonte: SALES (2006: 98)

Diferentemente de Serra (2005), porém, o trabalho de Sales se debruça sobre as propriedades dos gêneros textuais em questão e sua caracterização em cada século.

¹⁵ Projeto “Análise Contrastiva de Variedades do Português”, conduzido desde 2000 (mas, aparentemente, já concluído) pela Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro em conjunto com o Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (<http://www.posvernaculas.letras.ufrj.br/95-projetos/152-projeto-vaport.html>).

A partir dessa análise, ela observa que houve uma mudança no caráter dos editoriais do século XIX para o XX: se, neste século, tanto editoriais quanto notícias podem ser agrupados como compartilhando um mesmo tipo de “discurso” – o jornalístico, ligado a temáticas de interesse coletivo e de cunho informativo –, naquele eles tinham frequentemente um caráter mais pessoal e autoral, sendo inclusive frequentemente endereçados a pessoas específicas.

Os anúncios, por outro lado, percorreram o caminho inverso. De acordo com Sales, anúncios no século XIX faziam mais uso de linguagem denotativa, com ares de classificados: apresentavam-se objetivamente bens dos quais o anunciante queria se desfazer. No século XX, viu-se crescer o aspecto argumentativo nos anúncios, passando-se de uma função informativa para uma persuasiva – o que abrange, também, um maior envolvimento a partir da linguagem. A autora defende que é disso que decorre o uso mais recorrente de adjetivos avaliativos antepostos de um século para o outro: o objetivo do anúncio deixa de ser simplesmente o de listar um bem, mas passa também a intensificar suas qualidades, gerando uma reação afetiva no leitor.

2.3 DISCUSSÃO

Ambos os caminhos analíticos trazem dados interessantes sobre as propriedades da posição pré-nominal em português, e nos ajudam a compreender melhor os fatores intervenientes no posicionamento adjetival. Contudo, gostaríamos de argumentar que, ao não levarem em conta a influência seja de elementos estilístico-discursivos, seja de elementos morfossintáticos, as autoras diminuíram o impacto de seus resultados.

Primeiramente, os trabalhos de Serra (2005) e Sales (2006) apontam como, mesmo em gêneros tão próximos quanto editoriais, notícias e anúncios (em última instância, todos ligados ao universo jornalístico), há a possibilidade de variação. Não se trata apenas de variação entre gêneros, como também variação **intragênero**, como constatado por Sales (2006) em relação aos editoriais: é possível que um tipo de texto sob a mesma alcunha sirva a diferentes propósitos no decorrer das décadas. Assumindo-se esse resultado, aos trabalhos de Cohen (1990), Boff (1991) e Prim (2018) se coloca um grande obstáculo, já que as três autoras – mas especialmente Cohen e Prim – utilizaram textos de gêneros radicalmente diversos, e sem controlar

essa variável. Isso coloca em questão o grau de confiabilidade de seus resultados. Como a própria Serra (2005) observa, em relação ao trabalho de Cohen (1990), “[...] [as] diferenças tipológicas podem ter se refletido nas frequências diferenciadas de uso de anteposição em cada época” (2005: 27). Ainda, cabe apontar a inadequação de comparar dados escritos de séculos passados com dados sincrônicos oriundos de fala, como feito no trabalho de Boff (1991).

Por outro lado, Serra (2005) e Sales (2006) se basearam majoritariamente na distinção entre adjetivos **avaliativos** e **não-avaliativos**, e se preocuparam principalmente com aspectos semânticos dos adjetivos e nomes envolvidos, como a distinção entre nomes materiais e imateriais. Apesar de terem, de fato, encontrado correlações entre essas características (nomes imateriais teriam maior tendência a permitirem a anteposição), ambas deram pouca ou nenhuma atenção a fatores morfossintáticos intervenientes, e listam lado a lado adjetivos “sozinhos” com adjetivos modificados, com marcação de comparativo ou superlativo, em coordenações, etc. Se, por um lado, isso pode desempenhar um papel menor em termos de discurso, como podemos saber, por outro, se a mudança não foi mais gramatical que estilística?

Apesar do questionamento que colocamos, parece-nos claro, considerando o conjunto desses estudos, que a) o **uso** da anteposição caiu ao longo dos séculos, b) a (in)definitude do sintagma é um dos fatores intervenientes, e c) o gênero textual influencia a posição do adjetivo. A dificuldade que se coloca é, conforme dito acima, com que segurança podemos receber essas conclusões, já que as autoras tanto de uma abordagem quanto da outra não controlaram e nem fizeram menção a fatores da outra natureza.

Além disso, gostaríamos de salientar também as propriedades descritas na seção 1, que em geral não foram objeto de análise. Se, por um lado, Prim (2018) considera coordenações, ela não menciona qual a proporção que essas construções ocupavam em seu corpus inicial, tampouco sua quantidade absoluta, ou se coordenações contaram como 1 ou 2 (ou mais) tokens de anteposição. Já que coordenações em sintagmas definidos e nus eram majoritariamente pré-nominais até o século XVIII, isso pode ter desempenhado um papel menor ou maior em seus resultados.

Uma última questão que consideramos necessário mencionar é a da classificação de certos adjetivos como quantificadores, conforme defendido por

Nunes-Pemberton (2000). A partir de argumentos como a distribuição dos quantificadores tradicionais e propriedades de escopo, a autora defende que itens como “inúmeros”, “diversos”, “determinado”, “certo”, “diferentes” e “variados” deixaram de ser adjetivos e se especializaram na função de quantificadores. Ainda que seja preciso analisar de que forma essa especialização se deu na diacronia – ou mesmo se essa mudança ocorreu antes dos primeiros textos que temos para o português –, esse é um fator interessante de se ter em mente para evitar vieses na análise.

3. UMA INSTANCIÇÃO DE ANÁLISE DIACRÔNICA

Para demonstrar como todos esses fatores podem se combinar e influenciar análises sobre o percurso diacrônico dos adjetivos, optamos por trazer dois textos do final do século XVI e início do XVII e compará-los com os resultados previamente apontados pelas autoras abordadas. Selecionamos os textos a partir do Corpus Histórico do Português Tycho Brahe¹⁶. Os textos escolhidos foram: 1) *História da Província de Santa Cruz* (HPSC), de autoria de Pero Magalhães de Gandavo (nascido em 1502), datado de 1576; e 2) *Décadas* (DEC), de Diogo de Couto (nascido em 1542), datado no original de 1612. Escolhemos esses dois por seus autores terem nascido no mesmo século e por ambos possuírem caráter narrativo e de crônica, sendo seus autores historiadores/cronistas de profissão.¹⁷ Havia ainda um outro texto de gênero textual similar desse período disponível no corpus; contudo, como ele foi classificado apenas como “narrativo”, e não como “crônica”, consideramos que seria interessante mantermos nessa primeira exploração um corpora mais homogêneo.

Escolhemos dois textos categorizados como do mesmo gênero textual no corpus para averiguar até que ponto há convergência ou variação dentro do restrito campo delimitado por essa baliza. Comparar textos de gêneros textuais distintos do mesmo período, contudo, seria também uma opção interessante para atestar quais são os limites das diferenças em uma mesma sincronia. Em última instância, gostaríamos de salientar que o conteúdo desta seção é contingencial e tem caráter

¹⁶ De organização da Universidade de Campinas (UNICAMP), com assistência do Instituto de Matemática e Estatística (IME) da Universidade de São Paulo (USP); acessado em <http://www.tycho.iel.unicamp.br>.

¹⁷ Esses mesmos textos foram parte do corpora de PRIM (2018) para o século XVI.

exploratório, sem pretender ser uma resposta definitiva às questões de diacronia de adjetivos.

Uma observação de ordem a se fazer é com relação a ferramentas de busca em corpora em geral. O corpus *Tycho Brahe* tem grande parte de seus textos anotado morfologicamente, além de oferecer a possibilidade de busca online; com isso, é possível se gerar muito mais dados com bastante facilidade. Contudo, os anotadores de qualquer corpus são obrigados a tomar certas decisões na anotação morfológica que não necessariamente vão ao encontro dos pressupostos do pesquisador. Especificamente no caso de adjetivos, há certos tipos de itens lexicais que são categorizados como adjetivos pela anotação, como: numerais; numerais cardinais; quantificadores como “muitos”, “vários”, além dos mencionados por Nunes-Pemberton (2000); participios; expressões que contêm adjetivo (como “de novo”); nomes próprios contendo adjetivos (como “Cabo da Boa Esperança”); e adjetivos que também podem ser nomes (como “português”, “cristão”), que podem distorcer eventuais comparações entre adjetivos adnominais e predicativos, ou pré- e pós-nominais. Por isso, consideramos problemático realizar pesquisas puramente quantitativas, sem olhar para as ocorrências particulares e as filtrar de acordo.

Nesse estudo, realizamos primeiramente a busca por adjetivos, separando aqueles em posição adnominal dos predicativos, assim como retirando numerais e outros itens inadequadamente anotados como adjetivos (e.g. (21)) e adjetivos acompanhados de complementos¹⁸. Também excluímos combinações que nos parecessem lexicalizadas – como nomes de cargos/posições nos escalões do governo ou do clero, cf. (22):

- | | | |
|------|---|--------|
| (21) | a. (...) a qual chamam, vila velha , | (HPSC) |
| | b. (...) partio da nova Hespanha pera as Ilhas de Maluco | (DEC) |
| (22) | a. (...) capitão mór Pedro Álvares Cabral | (HPSC) |
| | b. (...) por um Vigário Geral | (DEC) |

¹⁸ Entendemos “complemento” de adjetivos em um sentido amplo (e, portanto, frouxo teoricamente), englobando sintagmas que modificassem o adjetivo mesmo em casos em que o adjetivo não é tipicamente entendido como sendo do tipo a ter complementos, e.g.:

- | | | |
|------|---|--------|
| (i) | nas quais se criam uns vasos tamanhos [como grandes cocos] | (HPSC) |
| (ii) | porque é homem pequeno [de corpo] | (DEC) |

Optamos por não excluir participípios, que foram sistematicamente anotados em ambos os textos como adjetivos, por entendermos que eles apresentam um comportamento funcionalmente aproximado. É possível, porém, que tenhamos que reconsiderar essa assunção, já que participípios parecem sujeitos a restrições específicas.¹⁹

Em um segundo momento, como apontado nas seções anteriores, também levamos em consideração: a) a presença de coordenações (e.g. (23)); b) a presença de modificadores – como “muito”, “bem”, “mui/muy” e “tão” (e.g. (24)); c) a presença de morfologia ou sintaxe de grau comparativo, superlativo, diminutivo ou do sufixo “-íssimo” (e.g. (25)); e d) “adjetivos” que são, segundo nossos pressupostos teóricos, quantificadores (e.g. (26))²⁰:

- | | | |
|------|--|--------|
| (23) | a. a semelhança daquele fero e espantoso monstro marinho | (HPSC) |
| | b. Pocarale, que era um Mouro grande , e forçoso | (DEC) |
| (24) | a. oferecido a muito perigosos combates | (HPSC) |
| | b. fazendo neles mui grande estrago | (DEC) |
| | c. há hoje em dia cobras bem pequenas | (HPSC) |
| | d. com um furor tão grande | (DEC) |
| (25) | a. e tem cinco de travessa na parte mais larga | (HPSC) |
| | b. que o mór desprezo que se lhes pode fazer | (DEC) |
| | c. com as altíssimas serras dos Andes | (HPSC) |
| (26) | a. Êste em certo modo tomou também pera si (...) | (DEC) |
| | b. aves de rapina muito formosas e de várias castas | (HPSC) |
| | c. e que os ídolos eram de diversas feições | (DEC) |
| | d. Este rio entra tão soberbo no mar e com tanta fúria | (HPSC) |

Os resultados que encontramos foram os seguintes:

¹⁹ Nomeadamente, todos os adjetivos apareceram na posposição. No total, foram 7 ocorrências em cada texto.

²⁰ Os itens que contabilizamos como quantificadores foram: “certo”, “diverso”, “infinito” (que, atualmente, não tem mais essa função, mas que tinha um uso bastante similar ao de “muitos”), “meio”, “muito(s)”, “pouco(s)”, “tanto” e “vários”.

Texto	Posição	Quantificadores	Coordenações ²¹	Modificação sintática	Modificação de grau	Total (s/ fatores intervenientes)	Total
HPSC	ANT	58	46	15	34	214 (61%)	350 (57%)
	POS	6	65	63	17	139 (39%)	259 (43%)
DEC	ANT	48	26	50	50	285 (59%)	433 (61%)
	POS	0	49	32	32	196 (41%)	280 (39%)

Tabela 9: Fatores intervenientes no posicionamento de adjetivos

Gostaríamos de salientar que não se trata de desconsiderar modificações sintáticas (por “muito”, “tão” ou outro tipo de item), seja na anteposição ou na posposição, a presença de morfologia ou sintaxe comparativa/superlativa, ou construções com coordenações, e sim manter um controle dessas variáveis que nos permita identificar quais são os fatores em variação ao longo dos séculos. Algumas dessas construções parecem mais ligadas a fatores estilísticos, como, por exemplo, o uso de estruturas comparativas/superlativas. A diminuição no aparecimento dessas estruturas em textos contemporâneos indica, possivelmente, não uma mudança gramatical – pois itens como “maior” ou “melhor”, muito presentes em textos antigos, na sincronia também são bastante usados na anteposição – e sim uma questão estilístico-discursiva. É possível que o mesmo valha para coordenações – mas talvez não para a modificação por “muito”, que parece mais restrita na atualidade.

Ainda, cabe salientar a influência de adjetivos intensionais (adjetivos que, para serem interpretados, não levam em conta a extensão do nome, mas também outros mundos e tempos possíveis), tais como “tal”, “mesmo”, “último”, etc.²² Eles podem enviar os resultados, já que a grande maioria deles são preferencial ou exclusivamente pré-nominais. Por isso, fizemos também um levantamento da distribuição dos adjetivos **sem** os intensionais. Os dados estão colocados na seguinte tabela:

Texto	Posição	Total (s/ fatores intervenientes)	Total
HPSC	ANT	103 (43%)	238 (48%)
	POS	135 (57%)	253 (52%)
DEC	ANT	240 (56%)	385 (58%)
	POS	190 (44%)	274 (42%)

Tabela 10: Proporção de ante- e posposição sem adjetivos intensionais

Como é possível atestar pela tabela acima, adjetivos intensionais podem causar distorções maiores ou menores, a depender da frequência de seu uso em cada texto.

²¹ Pelo número de adjetivos coordenados; coordenações de dois adjetivos contam como dois tokens, coordenações de três, como três, etc.

²² Os itens lexicais que foram considerados intensionais foram: “falso”, “mesmo”, “presente”, “próprio”, “seguinte”, “tal”, “último” e “verdadeiro”.

Se, em DEC, a mudança com sua retirada ocorreu, mas não alterou a distribuição no texto de forma tão significativa, em HPSC a remoção dos intensionais tornou a posição posposta a mais frequente. Consideramos que, em estudos sobre a diacronia dos adjetivos, desconsiderar os intensionais – ou, ao menos, considerá-los à parte – seja a melhor abordagem, já que tanto sincrônica quanto diacronicamente, o comportamento dessa subclasse não parece ter se alterado: a maioria dos itens exhibe grande preferência pela anteposição. Uma vez que o objetivo da investigação diacrônica é avaliar que fatores são responsáveis pela diminuição no uso da anteposição, não controlar a presença de adjetivos intensionais pode encobrir os resultados.

Comparando os dados de HPSC (1576) com as taxas de anteposição encontradas por Cohen (1990) e Prim (2018) para o século XVI, é interessante notar que os números de HPSC são mais baixos que a média de ambas. Se desconsiderarmos os itens “grande” e “bom”, conforme indicados por Cohen como vieses da época, temos apenas 60 adjetivos em anteposição (dos originais 103 – retirados 45 “grande” e 8 “bom”) e 132 na posposição (dos 135 – removidos 3 “grande”), i.e. 31% de anteposição e 69% de posposição.

Em relação a DEC (1612), podemos comparar seus resultados com os de Cohen (1990), Boff (1991) e Prim (2018) para o século XVII. Nesse caso, novamente temos resultados menores que os de todas as autoras, especialmente de Boff, cujo corpus apontava para 80% de anteposição. Novamente, se desconsiderarmos os itens “grande” e “bom”, obtemos 102 adjetivos em anteposição (dos originais 240 – retirados 115 “grande” e 23 “bom”) e 184 em posposição (de 190 – retirados 6 “grande”), i.e. 36% de anteposição e 64% de posposição. Comparando HPSC a DEC, há um pequeno aumento, de em torno de 5%, na frequência da anteposição. Se, por um lado, poderíamos pensar em atribuir esse aumento ao momento histórico da arte do século XVII, em que o Barroco possivelmente influenciou o gosto pelo hiperbólico, parece-nos que há um outro fator mais imediato em jogo: HPSC narra a chegada à província de Santa Cruz, fazendo portanto bastante uso de descrições, enquanto DEC, ainda que também descreva algumas localidades pelas quais os portugueses passaram, inclui narrativas épicas/de aventura – contexto em que inflar a magnitude dos “heróis” potencialmente contribuiria para um maior uso de anteposição. De toda forma, em ambos os casos a influência de “grande” e “bom” é bastante dramática e

aponta para uma possível variável estilística relevante, uma vez que esses dois adjetivos podem contribuir para a caracterização do núcleo de forma subjetiva.

Em suma, em comparação às taxas mais altas encontradas pelas demais autoras para esses dois séculos – e mesmo Serra (2005) e Sales (2006) para o século XIX –, acreditamos que é difícil precisar se essas variações se devem a algum tipo de mudança em curso. Antes, a conclusão mais segura é que o gênero textual parece essencial. Afinal, para além dos fatores intervenientes salientados, é curioso observar que há grande discrepância entre os dois textos base de Cohen para o século XVI, com um deles exibindo números maiores que os de HPSC, e o outro, menores. Esses dados apontam para a necessidade de um olhar mais cuidadoso especialmente sobre os textos desse século – mas com uma grande probabilidade de que esse contraste se deva a diferentes gêneros textuais sendo analisados em conjunto.

Um último fator a ser explorado é com relação a como a distribuição dos adjetivos interage com a (in)definitude do sintagma. O trabalho de Prim (2018) apontava que sintagmas nus e definidos tendiam a ter comportamento similar, contrastando com o dos indefinidos. Os nossos resultados foram sumarizados na tabela a seguir:

Posição	HPSC						DEC					
	Anteposição			Posposição			Anteposição			Posposição		
Definitude	NU	DEF	IND	NU	DEF	IND	NU	DEF	IND	NU	DEF	IND
Total (s/ fatores intervenientes)	63 (61%)	34 (33%)	6 (6%)	63 (46%)	51 (38%)	22 (16%)	138 (58%)	60 (25%)	42 (17%)	79 (42%)	77 (40%)	34 (18%)
Total	133 (56%)	83 (35%)	22 (9%)	121 (48%)	63 (25%)	66 (26%)	248 (64%)	83 (22%)	54 (14%)	121 (44%)	90 (33%)	63 (23%)

Tabela 11: Distribuição dos adjetivos pela definitude do sintagma

Apesar de haver diferenças significativas entre os dois textos, a tendência geral parece ser para o pouco uso de adjetivos em SNs indefinidos (na ausência de fatores intervenientes) independentemente de o adjetivo estar anteposto ou posposto. Em HPSC, há uma maior probabilidade de um adjetivo aparecer em um SN indefinido quando em posição pós-nominal; contudo, esse padrão não se repete em DEC, em que a proporção de adjetivos em SNs indefinidos é praticamente a mesma na anteposição ou na posposição.

Outra grande tendência é aquela que liga os SNs nus à anteposição, que se demonstra de maneira consistente nos dois textos. Na posposição, por outro lado, vemos um comportamento aproximado de SNs nus e definidos sem a influência de

outros fatores; quando incluímos os casos de coordenações, modificação sintática, etc., o uso de SNs indefinidos aumenta consideravelmente, inclusive superando o de SNs definidos em HPSC. Nesse sentido, é interessante apresentarmos os dados de adjetivos coordenados, para compará-los aos de Prim (2018):

Século		XVI (Prim)	XVI (HPSC)	XVII (Prim)	XVII (DEC)	XVIII (Prim)	XIX (Prim)
Anteposição	Definidos	71%	30/41 73%	75%	2/10 20%	22%	33%
	Nus	42%	14/43 33%	73%	15/42 36%	16%	24%
	Indefinidos	21%	0/25 0%	25%	4/14 29%	12%	18%

Tabela 12: Proporção de coordenações de adjetivos em anteposição

Fonte: PRIM (2018: 2833) e elaboração própria

Se por um lado os dados de HPSC vão ao encontro daqueles apresentados por Prim para o século XVI, no século XVII temos um quadro contrastante, em que o comportamento dos adjetivos em SNs nus em DEC ainda se aproxima bastante daquele do século XVI, mas com uma queda significativa no caso dos SNs definidos. Considerando DEC em relação aos dados que a autora apresenta para os séculos XVIII e XIX, coloca-se a questão de se de fato podemos pensar em uma queda abrupta do uso de coordenações em anteposição do século XVII para o XVIII. Novamente, a discrepância nos resultados aponta para a necessidade de um maior controle dos gêneros textuais em estudo. No caso de coordenações em SNs indefinidos, a preferência apontada por Prim para a posposição foi confirmada em nosso corpus.

Assim, em nosso corpus não foi possível perceber uma relação direta entre a definitude do sintagma e a posição do adjetivo, já que cada texto apresentou propriedades distintas: em HPSC, adjetivos em SNs nus tinham a mesma chance de aparecerem ante- ou pospostos, enquanto os em SNs indefinidos preferiam a posposição (os resultados para os definidos variam se considerarmos ou não os fatores intervenientes); já em DEC, SNs nus favoreceram a anteposição, enquanto SNs definidos e indefinidos tiveram comportamento similar, com números próximos nas posições pré- e pós-nominal (com, inclusive, uma sutil preferência dos adjetivos em SNs indefinidos pela anteposição na ausência de fatores intervenientes). Desse modo, a partir desse corpus não é possível estabelecer correlatos entre a definitude do sintagma e a posição do adjetivo, ainda que a clara preferência de adjetivos

coordenados pela posposição em SNs indefinidos aponte para a existência deles (em algum grau).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, nosso objetivo foi salienta a) a importância da atenção a fatores morfossintáticos que afetam o posicionamento de adjetivos na sincronia; b) o papel fundamental da variável do gênero textual em estudos sobre a diacronia dos adjetivos; e c) a necessidade de maior controle sobre fatores morfológicos e sintáticos (assim como o peso de itens lexicais específicos) em estudos diacrônicos. A partir do trabalho dos resultados encontrados em Sales (2006), consideramos de fundamental importância um estudo mais aprofundado sobre os gêneros textuais em cada século – inclusive na sincronia –, assim como sobre de que maneira as propriedades de cada gênero mudaram ao longo do tempo em relação à sua função na comunidade.

Uma vez que há grande convergência entre os estudos sobre a diacronia de adjetivos em termos da diminuição do uso da anteposição, apesar das questões metodológicas aqui apontadas, consideramos que é bastante provável que essa mudança tenha, de fato, acontecido. A questão que resta saber é em que aspecto da gramática ela se deu. Para isso, entretanto, é preciso termos maior cuidado com aspectos de variação estilístico-discursiva.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi escrito com o apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Gostaria também de agradecer aos pareceristas pelos valiosos comentários que, sem dúvida, contribuíram para uma grande melhora na qualidade desse artigo.

REFERÊNCIAS

BOFF, Alvana. *A Posição dos Adjetivos no Interior no Sintagma Nominal: perspectivas sincrônica e diacrônica*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – IEL, UNICAMP, Campinas, 1991. 110p.

- CINQUE, Guglielmo. *The Syntax of Adjectives: a Comparative Study*. Cambridge, Mass.: MIT PRESS, 2010.
- COHEN, M. A. A. M. *Syntactic Changes in Portuguese*. Tese (Doutorado em Linguística) – IEL, UNICAMP, Campinas, 1989. 257p.
- CORPUS Histórico do Português Tycho Brahe. Disponível em: <<http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/index.html>> Acesso em: 28 out. 2018.
- DESCHAMPS, Thais. *A Sintaxe dos Adjetivos Atributivos*. Dissertação (Mestrado em Letras) – UFPR, Curitiba, 2015. 214p.
- DESCHAMPS, Thais; GLIENKE, Anne Liese; GUIMARÃES, Maximiliano. *Fatores sintáticos alteradores da ordem canônica dos adjetivos atributivos pós-nominais em PB*. Rio de Janeiro, UFRJ: II Congresso Internacional da Faculdade de Letras da UFRJ, 2013. (Comunicação Oral)
- GUIMARÃES, Maximiliano. *Restrições Morfo-Sintáticas sobre os APs internos ao DP em PB*. In: VII Congresso Internacional da ABRALIN, 2011, Curitiba. Anais do VII Congresso Internacional da ABRALIN. Curitiba: ABRALIN, 2011. v. 1. p. 3273-3283.
- LEITE, Luciana Paiva de Vilhena. *Estratégias Argumentativas no discurso jornalístico opinativo: séculos XIX e XX*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, UFPR, Rio de Janeiro, 2003.
- MENUZZI, Sérgio. *Sobre a Modificação Adjetival do Português: uma teoria da projeção dos adjetivos*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – IEL, UNICAMP, Campinas, 1992. 194p.
- NUNES-PEMBERTON, Gelza. M. *Os adjetivos antepostos do Português Falado no Brasil*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – FFLCH, USP, São Paulo, 2000. 94p.
- PRIM, Cristina de Souza. O Percurso Diacrônico dos Adjetivos Adnominais do Português Europeu: Séculos XVI ao XIX. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 15, n. 1, 2018.
- SALES, Suelen. *A Ordem dos Adjetivos no Discurso Midiático: séculos XIX e XX*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2006. 202p.
- SERRA, Carolina Ribeiro. *A Ordem dos Adjetivos no Percurso Histórico: Variação e Prosódia*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2005. 153p.

Artigo recebido em 04 de dezembro de 2018.

Artigo aceito em 12 de março de 2019.